

## **A Paixão Cinza de Noel Rosa**

**Erick Zickwolff**

Então, meu amigo, você deseja saber a história por trás de “Cor de Cinza”... Bom, já se passou algum tempo, penso que não haja problema em te revelar... Quando ele me contou o que aconteceu naquele dia, estávamos os dois assim, como estamos nós agora, numa conversa de botequim, mas ele não estava nada bem... Ah, que saudade do Noel... Puta que o pariu... Foi-se tão cedo... Doença filha da puta... E ele também não ajudava... Bebia demais... Fumava demais... Varava as madrugadas serenando, correndo atrás dos rabos de saia... A gente tentava dar uns conselhos, sabe? Mas não adiantava... Noel tinha uma urgência de viver e um prazer imenso em gozar as coisas boas da vida... Parecia que já sabia que o tempo dele ia ser curto... Ah, aquele safado, fazia chiste com todo mundo, com ele próprio, inclusive... Um pândego, o sacana, sempre na fuzarca... Mas era genial, um poeta do caralho, e que violão... Eu me pego pensando, às vezes, se ele tivesse ficado por aqui mais um pouco, quantas obras primas mais teríamos para apreciar... Bom, vamos, então, ao que interessa... Mas antes:

– Garçon, faça o favor de trazer mais uma Cascatinha, bem gelada...

Veja bem, muita gente especula sobre quem seria a formosa dama que inspirou Noel naquela canção tão obscura, ainda que bela. Claramente não foi para Ceci que ele a compôs, muito menos para a Lindaura... Há quem diga que foi para Julinha, musa da Penha... Até a Yolanda levou a fama, mas ela só ganhou do Queixinho uma cópia da letra porque muito dela se admirou... Todo mundo tem um palpite infeliz, mas ninguém suspeita do que, de fato, ocorreu... A verdade, companheiro, é que não foi nenhuma delas que deixou aquela luva de pelica cinza para trás... Foi, isto sim, uma mulher indigesta... Dessas que acaba se esbarrando em alguma esquina da vida... E com essa, ele trombou lá para os lados da Gonçalves Dias... E ficou extasiado... Mas, como já estava enrolado com a esposa e com a dama do cabaré, guardou só pra si aquela nova paixão, nem comigo comentou, à época em que engatou o romance... Ela tinha, assim ele me confidenciou mais tarde, cor de leite com café... Parada em frente à Colombo, ela parecia até a dona do lugar, ele jurava... E eu acredito... Noel não era de contar bravatas, então, pra que mentir? Sei que tudo se deu como ele me narrou... Primeiro, com algumas amigas do Centro, descobriu o nome da cabrocha... Ângela... Soube que ela costumava frequentar a região diariamente... Então, um belo dia pensou “que se dane”, e se livrando de toda precaução inútil foi falar com a moça pela primeira vez... E ela, de pronto, se rendeu aos galanteios do nosso Pierrô apaixonado... Ela morava em Botafogo e Noel foi algumas vezes até lá para estarem juntos... Mas a pequena não era muito transigente, e não curtia a ciúmeira dele... Ele a queria só para si, mas

a menina era bem pra frente, tinha outros namoricos pela vida, e sabia que Noel também estava enrolado... Parecia que aquele era um caso perdido, que não tinha como acabar bem e, de fato, não acabou... Todo o ocorrido se deu quando Noel marcou de se encontrar com Ângela num bar, perto da casa de Rui Barbosa... Ele chegou mais cedo que a hora marcada e começou a beber... Ela se atrasou... Era uma tarde abafada, o dia havia sido de muito sol e, agora, o tempo começava a virar... Nuvens, de um cinza plúmbeo, se acercavam e, ao se chocarem, lançavam raios em ribombos surdos... Foi exatamente nessa hora que a moçoila surgiu... Noel, como sempre, lançou seus gracejos para ela, convidando-a a se sentar... Mas Ângela declinou... Disse que fora ali apenas por consideração a ele, mas que aquela seria a última vez que se veriam. Ela, aliás, estava indo se encontrar com outro rapaz, por quem dissera estar enamorada... Noel ainda tentou argumentar, mas a moça tomou um carro de praça, e partiu... A massa cinza que se formou nos céus desceu com força, e Noel, ainda desorientado com tudo aquilo, reparou que uma das luvas da moça ficara caída na calçada. Sem saber se o ato foi proposital, apanhou-a e guardou-a, tentando, mais tarde, devolver-lhe a peça e tentar convencê-la, uma vez mais, a não o abandonar... Embora intensa, a chuva durou menos de vinte minutos e Noel resolveu caminhar até o Centro da Cidade, cabeça baixa, remoendo os pensamentos e se vendo refletir nas inúmeras poças d'água do passeio... Ao chegar à Praia de Botafogo, deparou-se com o acidente... Havia uma ambulância prestando socorro aos feridos dos dois carros envolvidos, um dos quais ele reconheceu como o que levava Ângela... Ao se lembrar de Lindaura e Ceci, e pensar que poderia ser reconhecido por alguém que o tenha visto com Ângela em suas idas àquele bairro, Noel achou que o melhor a fazer era sair logo dali e, já que havia sido esquecido, esquecer-se também daquela sua paixão... Mas não foi tão fácil assim... A dúvida sobre o destino da moçoila o atormentou por alguns dias... Nosso poeta transformou a angústia em canção e veio saber, tempos depois, que a menina sobrevivera... Mas nunca mais a procurara, e guardara a luva de lembrança, uma prenda cinza de uma paixão cinzenta. Noel queria levar essa história para o caixão, junto com ele, mas a língua amoleceu com tanto álcool, e eu fui o único que soube da história... Depois da ressaca, me pediu sigilo... E isto é tudo...

Agora, meu camarada, antes de eu ir embora, me faça um favor... Jura, pela imagem da Santa Cruz, que isso fica só entre nós... Eu vou andando, que preciso chegar à Vila antes de escurecer, tem uma malandragem atacando na Teodoro da Silva e eu não quero ser pilhado... Deixa essa por minha conta, toma aqui cem mil réis... Foi um grande prazer revê-lo... Dê um alô à sua senhora... Adeus... Até amanhã...

**Cor de cinza (Samba de Noel Rosa)**  
Análise da letra da canção para o  
**1º Concurso de Análise lítero-musical da Laje de Copacabana**

Candidata: [Rosangela Gaze](#)

Ao conhecer a proposta instigante do concurso da Laje de Copacabana, tornou-se impossível desviar pensamento, dedos, imaginação, energia e desejo em vasculhar a *internet*. O *Google* mostra uma profusão de gravações de *Cor de Cinza* e de outras músicas de Noel Rosa, biografias, filmes, vídeos, áudios, reportagens, jornais, revistas em acervos da época do "filósofo do samba" e nos 110 anos que se passaram... Leituras, releituras, significados e etimologia de palavras, reflexões seguindo a intuição e o 'sair da caixa' ajudavam no meu fuçar. De quebra, a familiaridade com nomes de ruas vizinhas me transportava à Vila Isabel dos 1930. Morar na mesma rua – Noel Rosa [Rio de Janeiro, 11/12/1910 – 04/05/1937] nasceu e morreu na Rua Teodoro da Silva 392 ([veja](#)) – é um acaso que me forneceu pistas da estória que lhes conto...

Numa tarde há uns anos, caminhando ali pertinho, parei p'ra um petisco em esquina famosa por seus quatro botequins. Eis que, fitando-me nos olhos, um homem de cerca de 75 anos pergunta se pode me fazer companhia. Confesso que me surpreendi, mas a curiosidade venceu o receio e concordei dizendo que não iria demorar. Apresentou-se como Noel, insistindo em dizer que não era o "popular cantor do rádio", *mas apenas seu vizinho e admirador*. Passou então a contar detalhes da vida de Noel Rosa como se falasse de si; por vezes, falava mesmo na primeira pessoa... Encantada e perplexa, sorvia suas palavras. Em dado momento, um tanto irônico, divertido e galanteador, comentou que muitos investigam para qual mulher ele teria escrito esta ou aquela composição.

*Sabe, gosto muito das mulheres mas, não escondo, não penso em me casar; as mulheres não entendem... Escrevi música para uma mulher, duas, três, ou mais, muitas que tive e que me deixaram, para a que tive e que não me largava... Mas os versos que me vinham não eram sobre aquela mulher. Falava do mundo em que aquela mulher, eu, meus amigos vivíamos. Escrevia sobre o dia a dia que corria..., você me entende? Não sei explicar, mas quando te vi chegar, achei que você queria me ouvir... e me compreender... Quer ver? "Cor de Cinza" ([30/06/1933](#)), por exemplo, dizem que escrevi p'ra Julinha porque ela havia tentado se matar... Qual nada, te conto aqui um segredo, que fique entre nós...*

*Na noite em que Julinha encenou suicídio, havia feito um programa com a [cantora lírica Yolanda Rhodes Costa na Rádio Guanabara](#)<sup>1</sup>. Quando apresentados, percebi a reação de "Iola" a meu rosto 'desalinhado'. Depois do evento, pediu-me que escrevesse a letra do que cantei. Pegamos um táxi na saída e a levei em casa. Quando desceu, guardei no bolso sua luva cinzenta esquecida e compus o samba no dia seguinte ([veja](#)).*

*Pois então... a cor de cinza da luva lembrou a da fumaça das chaminés de Vila Isabel que foi ficando cinza, tudo se tingia de poeira cinzenta, a luva suja documentava o pó que tudo encobria... Maldizem o cigarro, a boemia, a vida mundana que nos levou o sambista... Falam da tuberculose nas fábricas... Da poeira, ninguém conta... Tô te dizendo... Era tudo cinza... A tísica era só mais um empurrão... Sabe, eu gostava de provocar nos versos, deixando um duplo sentido, essa era a graça...*

Noel [o do boteco] falava rápido sobre o significado desses versos. Pretensiosa... supus ser artimanha de sedutor, não acreditava no que dizia... Arrependo-me de não ter anotado, vai aqui o gravado de memória...

Com seu aparecimento [\[as fábricas\]](#)

Todo o céu ficou cinzento [\[chaminés das fábricas\]](#)

E São Pedro, zangado; [\[chuva na saída da Rádio Guanabara\]](#)

Depois um carro de praça [\[que levou Iola em casa\]](#)

Partiu e fez fumaça [\[fumaça das chaminés das fábricas\]](#)

Com destino ignorado. [\[destino da fumaça e do carro\]](#)

Não durou muito a chuva [\[trajeto rápido: Rádio Guanabara \(1º de março\) à morada de Iola \(Cinelândia\)\]](#)

E eu achei uma luva

Depois que ela desceu [lola]  
A luva é um documento [prova de que estivera com ela]  
Com que provo o esquecimento  
Daquela que me esqueceu. [só encontrou a bela Yolanda Rhodes nessa ocasião]  
Ao ver um carro cinzento  
Com a cruz do sofrimento [ambulância da época era cinza com uma cruz vermelha]  
Bem vermelha na porta,  
Fugi impressionado [havia sangue na luva; tuberculose?]  
Sem ter perguntado [a ambulância era para lola?]  
Se ela estava viva ou morta [tuberculose assustava e matava]  
A poeira cinzenta [poluição das fábricas e metáfora para dúvida]  
De dúvida me atormenta, [não soube mais de lola]  
Nem sei se ela morreu  
A luva é um documento [guardou a luva, prova de que estiveram juntos e também da poeira]  
De pelica e bem cinzento [retaliação sutil na dedicatória "*Para que você não se esqueça da feiúra do amigo Noel*"]  
Que lembra quem me esqueceu.

Noel repetiu o último verso transpassando meu olhar  
Levantou-se  
Ao tocar minha mão, não a senti  
Olhei-o novamente... diáfano...  
Na mesa do boteco, uma caixinha de fósforos  
cinza e vermelha...

Citação:

1. Almirante, 1908-1980. No tempo de Noel Rosa. 3.ed. Rio de Janeiro: Sonora Editora, 2013. 336p. Il. [e-book - p.232-3]. Disponível em: <https://document.onl/documents/noel-rosa-le-apresentacao-eis-a-nova-edicao-de-no-tempo-de.html> Acesso: 25/12/2020.

## **1º Concurso de Análise litero-musical da Laje de Copacabana**

### **Cor de Cinza – Noel Rosa me confessou...**

Naquela tarde de quarta-feira que não era de cinzas – 03 de maio de 1933 – o mar não estava para o praia, o céu cinzento anunciava chuvas.

Apesar de tudo o dia tinha um outro destino. A minha bela queria votar.

Eu queria só amar... Não era Julinha como muitos pensam que estava para me deixar.

A atmosfera é outra, o cinza que relato é para marcar em samba a alegria ou a tristeza daquele tempo de virada. As mulheres, as minhas mulheres agora podiam votar! Apesar que muitas não ligarem para a novidade.

Essa liberdade... Que leis que elas fariam na assembleia que se constituiria... a luva virou um documento...

A chuva só serviu para marcar aquela tarde cinza...

Julinha que não era muito afeita a indumentária da moda resolveu vestir sua luva, ela queria estar pronta para votar.... mas aquela peça lhe deixava sem jeito para o seu copo segurar... tirou a luva, deixou sobre a mesa...

Ela partiu com a chuva, a luva ficou/caiu.... quando voltei à mesa e lá estava aquela luva no chão, uma marca, uma única mão... um documento que agora as mulheres nunca mais seriam as mesmas!

E de pronto apareceu aquele carro cinza, no dia cinza.... Nunca sabíamos se as ambulâncias de Pedro Ernesto estavam ali para transportar doentes ou armas, logo corri. No morro/na vila - de interventor eu pouco podia esperar....só barulho!

E a poeira cinzenta nos pulmões já demonstrava que tentaria me impedir de sambar.

Valdir Specian

10 de janeiro de 2021.

# 1º Concurso de Análise litero-musical da Laje de Copacabana

**Canção: Cor de cinza de Noel Rosa.**

Diego Souza

“Cor de cinza” é a história de um amor não vivido, pelo menos não como deve ser vivido um amor. Foi inspirada na cabrocha que mais mexeu com Noel, é claro, até ele conhecer Ceci. Porém, diferentemente do amor de cores quentes vivido com a dançarina de cabaré, a moça fina, das luvas de pelica, deixou o coração do “poeta da vila”, por instantes, sem cor.

Algumas noites antes, Noel e a moça tiveram seu único e marcante encontro, em um boteco da Lapa. Com muitos drinques, poucas palavras e muitos olhares, a moça o fascinou. Apesar de seu estado ter algo de tísico, sua beleza vinha de sua força, de seu olhar profundo e misterioso. Noel queria desvendar-lhe os mistérios, mas o máximo que conseguiu foi um endereço anotado em guardanapo, seguido de um “tchau” abrupto e frio, que não condizia com a noite fascinante que tiveram.

Claro, Noel precisava reencontrá-la e resolveu procurá-la naquele endereço, mas, por algumas vezes, não a achou na pensão. Ele procurava a moça de olhar profundo, mas o contrário não se mostrava factível, pois a moça não o procurava, nem por um segundo. Em uma nova tentativa, fitou a moça na rua, embora de longe. O carro de praça arrancou, a chuva caiu, Noel recolheu a luva deixada para trás, sem saber que aquela seria a última lembrança de uma aquarela que sequer existiu.

Noel pegou a luva e apertou-a, tossiu, ficou sem ar, mas por alguns instantes foi possível acreditar que aquela história teria novos capítulos. Virou a esquina e avistou um carro cinza, com a cruz do sofrimento, parado na frente da pensão. A chuva parou, mas seu coração se angustiou. Antes de tomar coragem de dar o próximo passo, viu o carro cinzento se afastar. Noel voltou, assustado com o carro de mazelentos, preferiu ficar com a lembrança daquela breve história, que parece ter se encerrado, ao menos para a moça misteriosa, naquele “tchau”, relegando-o ao esquecimento. Guardou a luva e a dúvida, ambas capazes de lhe remexer a massa cinzenta, com especulações, em graus de delírios que tingiam de cinza alguns de seus refrões. O mistério continuaria levando-o ao limite entre o fascínio e o arrependimento, ora nostálgico, ora atormentado. Até que o “poeta da vila” transformou aquele sentimento em canção, igualmente misteriosa, não capaz de tirar-lhe do limbo, mas de tingir de alguma cor o coração.

Arapiraca/AL, 10 de janeiro de 2021.